

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS — MG

Instituto de Ciências da Natureza
Curso de Geografia — Bacharelado

KARINA ELISA LOPES DA COSTA



**ASPECTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DA CAFEICULTURA NO MUNICÍPIO
DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL — SP**

Unifal
Universidade Federal de Alfenas

Alfenas/MG

2022

KARINA ELISA LOPES DA COSTA

**ASPECTOS HISTÓRICOS-GEOGRÁFICOS DA CAFEICULTURA NO
MUNICÍPIO DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL — SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia pelo Instituto de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Alfenas — MG, sob orientação do Prof. Dr. Estevan Leopoldo de Freitas Coca.

Alfenas/MG

2022

Banca Examinadora

Prof. Dr. Estevan Leopoldo de Freitas Coca (UNIFAL)

Titulação, nome completo e instituição do Avaliador 01

Titulação, nome completo e instituição do Avaliador 02

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ter me abençoado e guiado cada passo nessa caminhada, que não foi nada fácil, mas foi de constantes aprendizados.

Dedico também aos meus pais, Honorato e Terezinha. Mesmo que pudesse viver mil vidas não seriam suficientes para agradecer tudo o que fizeram por mim durante todos esses anos de graduação, obrigada pela confiança, pela fé, por cada gesto de amor, mesmo estando a 180 km de distância, seja nas mensagens de bom dia que meu pai me mandava todas as manhãs antes de ir trabalhar, as ligações de minha mãe onde a primeira pergunta era: "até que horas é sua aula hoje?" e como não citar o pedido sincronizado de: "Nos avise quando chegar em casa". Obrigada por acreditarem em mim, quando nem eu mesma acreditava.

Eu creio piamente que Deus criou o universo em harmonia, e por isso acredito que nossos corações batem no mesmo ritmo e compasso.

A Tia Andrea e Tio André que sempre estiveram presentes por mim e para mim, obrigada pela paciência, pelo carinho e por cada bronca, vocês são meu farol e foram fundamentais no meu processo de alçar voo.

A minha madrinha Ângela e sua fé inabalável, que sempre orou e torceu por mim, e em todo momento tinha uma palavra sábia que acalenta o coração e a alma.

Dedico também ao Tio José, por todas nossas conversas, curiosidades, trocas de experiências e ensinamentos e principalmente nossa amizade e imenso afeto.

Ao Tio Acácio, também dedico este trabalho, por todas as prazerosas lembranças da minha infância, nossas gargalhadas, pela leveza e alegria que contagia, seu sorriso que ilumina e sua serenidade que permanece.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UNIFAL-MG, por me ensinar a crescer, me tornar dona de cada atitude, e correr atrás dos meus objetivos.

Agradeço ao campus II da UNIFAL-MG por ser palco de várias risadas, lágrimas, estudos, xerox, cafés.

Agradeço ao curso de Geografia por ter me proporcionado conhecer tantos lugares, e também possibilitar fazer amigos que levo para a vida.

Agradeço a todos os professores pela paciência, pela amizade, compreensão, por terem a nobreza de partilhar conosco seus conhecimentos, não só acadêmicos, mas os conhecimentos para a vida.

Durante este período de pandemia, no qual nos víamos isolados e distantes queria agradecer todos os esforços que professores, monitores, coordenadores não mediram para que nós alunos não perdêssemos nada e pudéssemos aproveitar o máximo possível de cada aula.

Agradeço a todos os funcionários e servidores da UNIFAL-MG.

E também agradeço os barzinhos alfenenses pelas melhores rodadas de tequila e caipirinha.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

(Marthin Luther King)

RESUMO

A história do café no Brasil e no Vale do Paraíba começa com uma longa jornada. A lavoura de café foi um dos produtos mais importante da história do país e pode-se dizer que foi o centro econômico do estado de São Paulo, com destaque para o desenvolvimento da infraestrutura de transporte, comunicação e mercado consumidor. O município de Espírito Santo do Pinhal é popularmente conhecido como a “Rainha das Montanhas” e é inclusive conhecido como à terra do “bom café”. Portanto, neste trabalho visa-se por meio da pesquisa qualitativa analisar porque o Espírito Santo do Pinhal-SP é reconhecido como a capital do café e os benefícios econômicos e sociais dessa planta/bebida para a cidade. Este estudo de caso leva a desvendar a história, cultura, arquitetura, religião, meios de subsistência e mãos que trabalham até que a xícara de café tão conhecida e amada deste município chegue às mãos dos consumidores.

Palavras-chave: Espírito Santo do Pinhal; café; cultura; economia.

ABSTRACT

The history of coffee in Brazil and in the Vale do Paraíba starts with a long journey. The coffee plantation was one of the most important product in the country's history and it can be said that it was the economic center of the state of São Paulo, with emphasis on the development of transportation, communication and consumer market infrastructure. The municipality of Espírito Santo do Pinhal is popularly known as the "Queen of the Mountains" and is even known as the land of "good coffee". Therefore, this work aims, through qualitative research, to analyze why Espírito Santo do Pinhal-SP is recognized as the coffee capital and the economic and social benefits of this plant/beverage for the town. This case study leads to unveiling the history, culture, architecture, religion, means of subsistence and hands that work until the coffee cup so well known and loved by this municipality reaches the hands of consumers.

Keywords: Espírito Santo do Pinhal; coffee; culture, economy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Localização Espírito Santo do Pinhal-SP.....	15
Figura 2 — Mapa da expansão da cafeicultura pela província de São Paulo	17
Figura 3 — Estação ferroviária de Espírito Santo do Pinhal em 1 889.....	19
Figura 4 — Estação ferroviária de Espírito Santo do Pinhal em 1 910.....	18
Figura 5 — Estação ferroviária de Espírito Santo do Pinhal atualmente.....	20
Figura 6 — Folder de divulgação festa italiana.....	22
Figura 7 — Apresentações de música e dança na tradicional festa italiana.....	22
Figura 8 — 1.º manual técnico do café produzido em Espírito Santo do Pinhal em 1 945.....	26
Figura 9 — Valor da produção das principais atividades agropecuárias por polos de desenvolvimento regional em 2 004.....	28
Figura 10 — Área de cultivos e pastagens em relação ao território nacional.....	28
Figura 11 — Logo Pinhalense máquinas agrícolas.....	32
Figura 12 — Colhedor de café.....	37
Figura 13 — Palácio do café.....	38
Figura 14 — Nossa Senhora do Café.....	39
Figura 15 — Casarões urbanos financiados pela riqueza acumulada pelo café.....	40
Figura 16 — Capela Nossa Senhora Rosa Mística.....	41
Figura 17 — Igreja Matriz do Divino Espírito Santo.....	41
Figura 18 — Chalet Montenegro.....	42
Figura 19 — Chalet Montenegro 1 894.....	42
Figura 20 — Slogans de chamada para festas do café.....	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — 1. ^a publicação dos horários de trens da CIA Mogiana ramal do Pinhal.	19
Quadro 2 — Tratores, implementos e máquinas.....	31
Quadro 3 – Pessoal ocupado no campo.....	34
Quadro 4 – Etapas do grão de café até a xícara do consumidor.....	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Valor de Produção dos principais produtos exportados no Brasil.....	29
Tabela 2 — Valor de produção das principais lavouras em Espírito Santo do Pinhal- SP.....	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
COOPINHAL	Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Pinhal
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
VPA	Valor por Produção Agrícola

SUMÁRIO

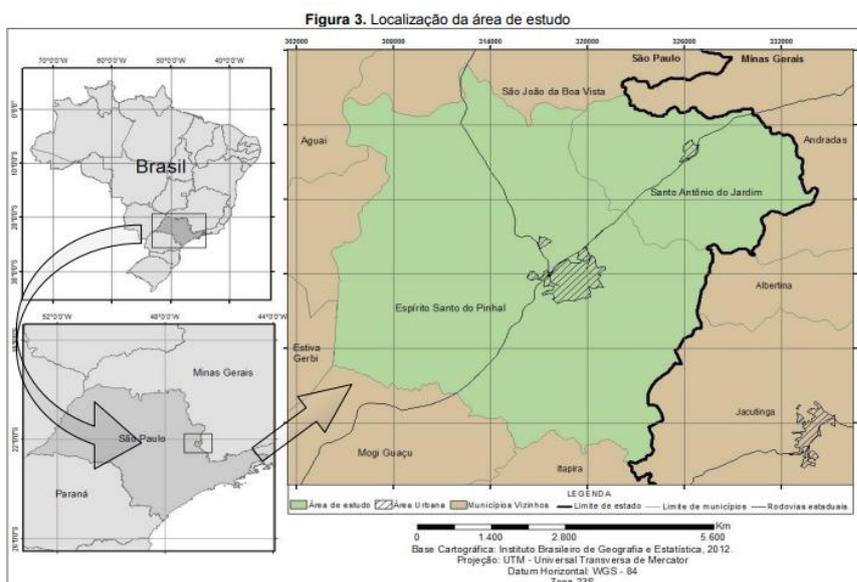
1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	OBJETIVOS.....	15
1.2	Objetivo geral.....	15
1.3	Objetivos Específicos.....	16
2	História de Espírito Santo do Pinhal-SP e do café.....	16
2.1	Ferrovia e Difusão Cafeeira.....	18
2.2	Colônia: o trabalho no campo.....	20
2.3	O café e seus impactos em Espírito Santo do Pinhal-SP.....	22
3	Trabalho e mão de obra no campo, dias atuais.....	27
3.1	Passo a passo do manejo do café.....	35
4	Espírito Santo do Pinhal e as manifestações culturais.....	36
4.1	A cultura implementada pelo café.....	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

A história do café no vale do Paraíba e no Brasil antecede a uma longa caminhada, que se inicia no Caribe, sendo que sua importância na linha cronológica se deve ao fato de ter sido o primeiro lugar onde os europeus conseguiram produzir café em larga escala. Como já dito, o café não é uma planta da América, é de uma região de sub-bosque da Etiópia, uma planta domesticada primeiramente pelos árabes.

No Sudeste existe a maior produtividade agrícola no Brasil, sendo a região com maior destaque econômico, insumos, maquinários e fertilizantes, que aumentam assim sua produtividade. Em São Paulo, o café é o produto que mais se destaca, pois é muito importante na história do Brasil, passados tantos anos e tantas culturas é arriscado dizer que o café é o responsável pelo estado paulista ser o centro econômico que é hoje com sua grande importância histórica, contudo, ele foi fundamental para a industrialização dessa unidade federativa. O café começou no Vale do Paraíba, especificamente no litoral norte de São Paulo e litoral sul do Rio de Janeiro. Entre municípios de Pindamonhangaba, São José dos Campos e Aparecida do Norte, o grão fez com que a elite ganhasse muito dinheiro e com esse capital começaram a desenvolver ferrovias para escoar sua produção e, ampliar o mercado consumidor, produzir riquezas, potencializar o centro econômico e a circulação de mercadorias. Espírito Santo do Pinhal é popularmente conhecido como 'rainha das serras' ou até mesmo como à terra do 'café bom". Pertencente a Região intermediária de Campinas e a Região Imediata de São João da Boa Vista, a população estimada para o município é de 44.607 pessoas, com área total de 389,235 km², o bioma predominante é o de Mata Atlântica (IBGE, 2022). Sua densidade demográfica corresponde a 107,61 (hab./km²), onde a maioria da população concentra-se na área urbana com 37.245 pessoas e 4.662 continuam na área rural (IBGE, 2021).

Figura 1 — Localização Espírito Santo do Pinhal-SP



Fonte: Prefeitura Municipal de Espírito Santo do Pinhal (2022).

Conforme o Censo Agropecuário do IBGE (2017), quanto a utilização das terras, 356 estabelecimentos cultivavam lavouras permanentes, 89 estabelecimentos cultivavam lavouras temporárias e apenas 7 estabelecimentos cultivavam flores. O destaque para o número de estabelecimentos com mais de 50 pés em lavouras permanentes fica com: o café, banana e laranja. Já na lavoura temporária, destacam-se: cana-de-açúcar, milho, mandioca e feijão.

À vista disso, a escolha desse tema de pesquisa foi motivada pela necessidade de um estudo mais detalhado sobre o plantio do café, bem como as consequências acarretadas para a identidade do município de Espírito Santo do Pinhal-SP. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a origem do café, por estudos em livros, artigos e sites. Além de dados secundários em sites oficiais para complementar e fundamentar os dados teóricos.

1.1 OBJETIVOS

1.2 Objetivo Geral

Analisar os aspectos histórico-geográfico que contribuíram para que Espírito Santo do Pinhal-SP fosse reconhecida como a capital estadual do café e o que essa planta/bebida trouxe de benefícios a cidade, econômica e socialmente.

1.3 Objetivos específicos

- a) Caracterizar a participação do município na produção nacional de café;
- b) Abordar como o café movimentou o capital urbano;
- c) Estudar como a cafeicultura atua na identidade da população pinhalense.

2. História de Espírito Santo do Pinhal-SP e do café

Fundada na segunda metade do século XIX, Espírito Santo do Pinhal originou-se da Fazenda Pinhal, de propriedade de Romualdo de Souza Brito, e o seu núcleo primitivo localizava-se onde atualmente se situa a Praça da Independência. A cidade beneficiou-se com a implantação do ramal da Mogiana, em 1889, e da introdução da economia cafeeira na região.

O povoamento da região onde se localiza o atual município de Espírito Santo do Pinhal iniciou-se com a formação da fazenda Pinhal, em território de Mogi-Guaçu. Na primeira metade do século XIX, proveniente de Moji das Cruzes, estabeleceu-se Romualdo de Souza Brito com sua família, dedicando-se à agricultura (IBGE, 2022). As terras dessa cidade pertenciam à Fazenda do Pinhal, antiga Sesmaria. Nesta fazenda predominavam as árvores de araucária, possuía nascentes e florestas exuberantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL — SP, 2021).

Com o empreendimento, outros povoadores foram atraídos para as terras da fazenda Pinhal, fazendo com que Romualdo e sua esposa Tereza, doassem 40 alqueires para formação do patrimônio do “Divino Espírito Santo”, em 27 de dezembro de 1849 (IBGE, 2022). Com a evolução do núcleo, em março de 1860 foi elevado a Distrito de Paz (freguesia), com a denominação de Espírito Santo do Pinhal e em abril de 1877 foi criado o município (vila). O nome passou a ser Pinhal, conforme o decreto n.º 9775, de 30 de novembro de 1938, mas foi em 17 de dezembro de 1974, pela Lei n.º 609 que passou a se chamar novamente Espírito Santo do Pinhal (IBGE, 2022).

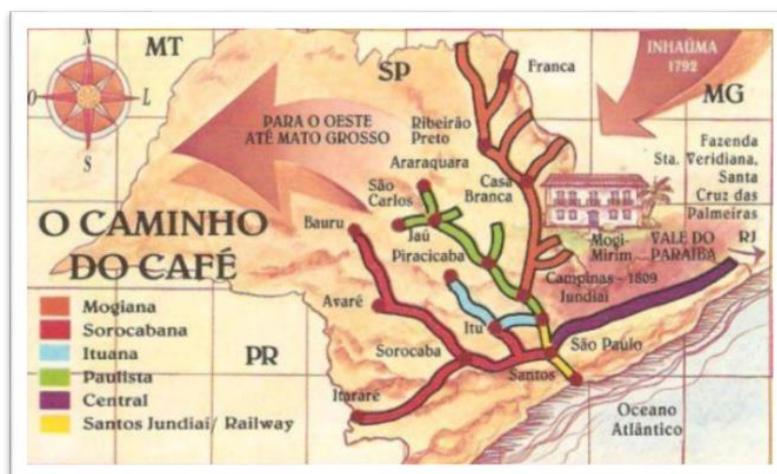
A história da cafeicultura da região se inicia em 1850, onde o desenvolvimento da região ocorreu concomitantemente ao desenvolvimento da cafeicultura. Em 1881, foi criada por meio da Lei n.º 62 a Comarca do Espírito Santo do Pinhal e, em 1883, ela

foi elevada à categoria de cidade. Todo esse processo de transformação política de Espírito Santo do Pinhal estava atrelado à riqueza acumulada com a cafeicultura sendo liderado pela elite cafeicultora.

Apesar de haver uma produção baseada na escravidão nesse período no Brasil, desde 1867, a Colônia de Nova Lousã, em Espírito Santo do Pinhal, se destacou e constitui objeto de estudo de historiadores pela sua experiência com o trabalho livre. Foi tamanho o sucesso da colônia, que recebeu ilustres visitas, inclusive o Imperador D. Pedro II, em 1878 (SEBRAE, 2018).

Nesse sentido, a expansão da produção comercial do café começou pelo Vale do Paraíba do lado Província do Rio de Janeiro e posteriormente adentrou ao vale em sua porção paulista, sendo que este último foi o primeiro centro produtor de café no Brasil e o mais importante até por volta de 1870 quando começou a entrar no seu declínio, que de acordo com inúmeros estudiosos a decadência do café no Vale do Paraíba deve-se ao esgotamento da terra pela erosão e baixa qualidade das técnicas de cultivo (TORRES, 2011).

Figura 2 — Mapa da expansão da cafeicultura pela Província de São Paulo.



Fonte: TORRES, (2011).

A cafeicultura significou desenvolvimento e progresso para a região, visto que os recursos oriundos da cafeicultura eram investidos em outros setores da economia, como foi o caso da construção da ferrovia, inaugurada em 1889. A melhora no transporte constitui um marco para a região e possibilitou melhoria na cidade, facilidade na circulação de notícias e contribuiu para o aumento da produção

de café (SEBRAE, 2018).

Pesquisar o que o café significa para a cidade de Espírito Santo do Pinhal é um estudo de caso que nos leva a desvendar o que há por trás de uma xícara de café: uma história, uma família, terceirização de serviços, o sustento de quantas pessoas, quantas mãos ou quantas máquinas, quantos processos foram necessários para tornar aquela xícara de café possível e tão conhecida e querida neste município.

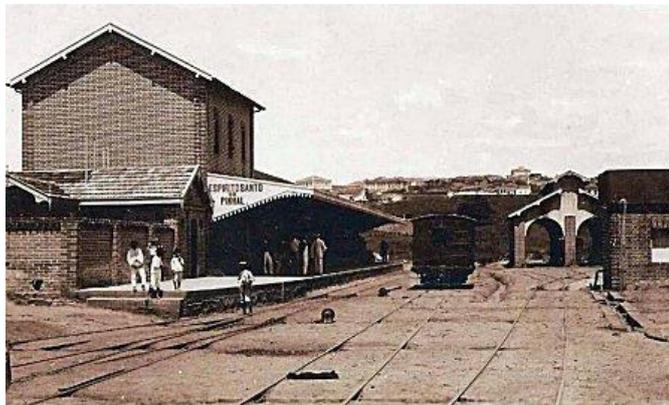
2.1 Ferrovias e a difusão cafeeira

Ainda é muito importante demonstrar que a cafeicultura foi responsável por transformações sem precedentes no cenário econômico brasileiro, os cafeicultores paulistas são categorizados pela historiografia como portadores de uma mentalidade empreendedora, tendo em vista que foi em função da riqueza e do capital acumulado pelo café que a ferrovia foi introduzida no Brasil, com o desenvolvimento urbano acompanhado da dinamização do comércio do interno.

O período que compreende às duas últimas décadas do século XIX e o início do século XX marca o fortalecimento no estado de São Paulo do trinômio: cultura cafeeira, expansão ferroviária e crescimento populacional (imigração). Através do Vale do Paraíba, o café penetra no estado de São Paulo no início do século XIX, vindo da região de Vassouras (RJ). Rapidamente a cultura cafeeira se alastra atingindo o centro-oeste paulista, de modo que, a partir de meados do século XIX, o café já era o principal produto comercial brasileiro, chegando a representar 3/4 do valor das exportações. A introdução das ferrovias, a vinda em massa de imigrantes e a disponibilidade de terras foram fatores decisivos que levaram a esse grande desenvolvimento da cultura cafeeira (CARVALHO, 2009).

Com o café atingindo regiões cada vez mais distantes do litoral, o que era possível graças à abundância de terras de solo ainda virgem, as ferrovias surgiram para auxiliar a produção cafeeira já existente, tornando o transporte mais rápido, seguro e barato da produção com destino ao porto de Santos. Ainda segundo Carvalho (2009), a maioria das ferrovias paulistas foram construídas com capitais levantados na própria província, com pessoas ligadas ao café. É o caso das estradas de ferro Paulista, Mogiana e Sorocabana, organizadas e financiadas pelos

Figura 3 — Estação ferroviária de Espírito Santo do Pinhal em 1889.



Fonte: Museu e Prefeitura Espírito Santo do Pinhal-SP (2020).

O quadro a seguir é referente a primeira publicação dos horários de trens pela Companhia Mogiana, logo após 4 dias da inauguração.

Quadro 1 — 1.^a publicação dos Horários de Trens da CIA Mogiana Ramal do Pinhal.

Horários de Trens
COMPANHIA MOGIANA RAMAL DO PINHAL

ESTAÇÕES	E 2	ESTAÇÕES	E 1
	Misto		Misto
	Manhã		Tarde
E. S. Pinhal	6,00	Mogi-Guaçu	4,50
Motta-Paes	6,25	C. Laurindo	5,15
	6,29		5,19
Nova Louzã	6,51	Nova Louzã	5,49
	6,55		5,54
C. Laurindo	7,25	Motta-Paes	6,16
	7,29		6,20
Mogi-Guaçu	7,53	E. S. Pinhal	6,45

A primeira publicação do horário de trens, baixada pela Companhia Mogiana, 4 dias após a inauguração.

Fonte: TORRES (2011).

(...) A solução foi a ferrovia (...) com a locomotiva chegou o progresso. As distâncias encurtaram-se, os fazendeiros não mais permaneciam nas fazendas, construindo seus palacetes nas cidades e, sobretudo em São Paulo, conhecida como a Capital dos Fazendeiros. Com a facilidade dos transportes, promoveram-se melhoramentos urbanos que embelezam as cidades. Até a circulação de notícias se fez com mais rapidez, com transporte de jornais das capitais para o interior. “Eram novos tempos.” (MARTINS, 1990, p. 15 – 16).

Figura 4 — Estação Ferroviária de Espírito Santo do Pinhal, em 1910.



Estação Ferroviária de Espírito Santo do Pinhal - 1910

Fonte: TORRES (2011).

As ferrovias apresentavam uma mudança para o capital do café, pois reduzia os custos de deslocamento e com isso a transferência para os grandes centros exportadores ficou mais rápido e eficiente.

Figura 5 — Estação ferroviária de Espírito Santo do Pinhal atualmente.



Fonte: Museu e Prefeitura Espírito Santo do Pinhal-SP (2020).

2.2 Colônia: o trabalho no campo

As fazendas se organizaram para o plantio do café, construindo terreiros para secagem dos frutos, tulhas para o armazenamento dos grãos secos, casa de máquinas, além das plantações e da residência da família do fazendeiro.

A escravidão africana foi de grande importância para a economia brasileira,

dados nos mostram e apontam que desembarcaram no Brasil 4.009.400 africanos vindos do tráfico negreiro, segundo Antonil (1982) os escravos eram as mãos e os pés dos senhores de engenho no Brasil, pois sem eles era impossível conservar e aumentar a fazenda. Fato, que não justifica o crescimento econômico amparado em escravidão humana.

Devido a isso a mão de obra africana foi muito utilizada para o desenvolvimento das plantações de café, que se desenvolveu no município de Pinhal 12 anos após sua fundação, o Comendador João Elisário de Carvalho Montenegro cafeicultor e abolicionista elaborou um censo em que mostra que havia na cidade mais de 1000 escravos registrados — lembrando que por questões de sonegação de cumprimento da lei do Ventre Livre, a partir de 1871 uma boa parte dos fazendeiros — principalmente — os cafeicultores não registravam mais os escravos nascidos após 28 de setembro de 1871 (VASCONCELOS, 1986, p.345).

Com a abolição da escravidão e, em seguida, grande imigração, desapareceram as senzalas e apareceram as colônias de imigrantes isso aconteceu devido à unificação da Itália que em 1864 expulsou milhares de trabalhadores, afinal o país havia recém-unificado, e como o Brasil precisava de mão de obra, assalariada e livre, o Brasil, mais especificamente o estado de São Paulo que na época era uma província recebeu os imigrantes italianos para trabalhar nas lavouras de café.

Os italianos foram os imigrantes em maior número para São Paulo, quase sempre vindo marido, mulher e filhos com várias idades. Em Espírito Santo do Pinhal, boa parte dos descendentes dos colonos italianos se transformaram em agricultores e atualmente vivem no bairro Santa Luzia, sendo um bairro rural formado por pequenas propriedades que vivem da produção de café e agricultura familiar.

A mão de obra italiana foi tão marcante no território pinhalense, que atualmente todos os anos acontecem a tradicional 'Festa italiana' com comidas, pratos típicos, vestimentas, músicas, danças, que atrai muitos turistas à cidade.

SOUSA (2007, p.20) diz:

O nosso ver, o território é marcado pelo resultado do processo histórico das relações sociais. Ele é móvel, dinâmico e está em constante transformação. É produto e condição de articulação existente entre o tempo histórico e os coexistentes. Além disso, o território integra as múltiplas dimensões: econômica, política e cultural.

Figura 6 — Folder de divulgação festa italiana.



Fonte: Facebook/pinhalcirculoitaliano

Figura 7 — Apresentações de música e dança na tradicional festa italiana.



Fonte: Facebook/pinhalcirculoitaliano

Como a região recebeu um grande fluxo de imigrantes italianos que trabalharam nas lavouras de café, formando núcleos rurais, fazendo desse território um dos maiores produtores de café do Brasil, a influência cultural típica da Itália se firmou no município até o momento atual.

2.3 O Café e seus impactos em Espírito Santo do Pinhal-SP

Na região do Vale do Paraíba, o relevo é caracterizado pelo predomínio dos mares de morros e pés de café. Contudo, grande parte das plantações não se adaptam bem a lugares íngremes, além de que são locais suscetíveis a erosão e escorregamentos de terras. Quando o café e a demanda do grão começaram a aumentar sua produtividade, a planta começou a procurar outros lugares para conseguir se instalar, no começo do século XX o café deixou de ser plantado somente no vale do Paraíba e começou a ser plantado na região do oeste paulista

constituído de relevo plano e solo fértil (terra roxa).

Monbeig (1998, p. 250) através do olhar europeu conclui que o trabalho agrícola é primitivo nas fazendas do estado de São Paulo.

Permanece o otimismo do caboclo a repetir que no Brasil plantando dá. Com efeito, tudo cresce em uma **terra roxa** recentemente desflorestada e, para um pioneiro vindo de um estado do sul do Brasil, à terra do norte do Paraná é uma terra preguiçosa. Para que comprar um arado, quando bastam alguns golpes de enxada?

O solo fértil existente é decorrente de um derramamento basáltico, na era mesozóica a cerca de sessenta ou setenta milhões de anos sofreu com o vulcanismo que liberou um grande magma para a superfície, ao resfriar-se formou um basalto e com o passar do tempo foi intemperizado de várias formas, com vários sedimentos e com a mistura de matéria orgânica se tornou um solo, um dos solos mais férteis do Brasil que podemos conhecê-lo como nitossolo ou a famosa terra roxa.

Pode-se dizer que tratar da história pinhalense sem relacioná-la com a trajetória cafeeira é uma tarefa quase impossível, pois o cultivo do café desempenhou um papel fundamental nas primeiras plantações que o levou a contribuir para além do viés econômico, se tornando responsável também pela formação da sociedade e da construção de uma identidade. A área total de 41.764 hectares, onde 40.564 h correspondem à área rural e 1.200 h de área urbana (PREFEITURA MUNICIPAL DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL, 2021). A importância do cultivo de café proporcionou a esse município, o reconhecimento nacional na produção e comercialização deste produto.

Destacando-se também, nas vendas de máquinas agrícolas industrializadas e o surgimento de outras atividades direcionadas ao setor do comércio e serviços, compondo assim o agronegócio do café (OLIVEIRA, 2006). Além da produção do café, outras atividades são desenvolvidas, relacionadas a lavouras permanentes e temporárias como o vinho e o azeite.

Os espaços diferem de acordo com suas características materiais e imateriais, ou seja, os seus recursos biofísicos e humanos, relações sociais, modos de produção e a sua cultura. A partir de relações específicas com homem em relação ao meio, as sociedades historicamente construíram identidades territoriais próprias, com seus signos, símbolos e

pertencimentos (CHELOTTI, 2010, p.30).

Há quase 200 anos a cultura do café encontrou em Espírito Santo do Pinhal, sua tradição, seu lugar. A cafeicultura está na identificação, da cidade, sua importância é tamanha que o café está presente no hino de Espírito de Santo do Pinhal:

Espírito santo do pinhal, és responsável por ela
Pedaço de terra que nos viu nascer
Suas águas brotam do alto da serra
Que a mãe natureza nos deu pra viver

Romualdo de Souza Brito
Num gesto de fraternidade
Doou suas terras ao divino Espírito Santo
Para construir nossa cidade

Cidade linda, rainha das serras
De muitas igrejas de tetos divinais
Sua matriz imponente e bela
Na sua estrutura e nos seus vitrais

Espírito Santo do Pinhal, és responsável por ela
Pedaço de terra que nos viu nascer
Suas águas brotam do alto da serra
Que a mãe natureza nos deu pra viver
(...)

Nossa cidade também se divisa
Com duas vizinhas cidades mineiras
Cafezais em flores, no caminho a brisa
A majestosa Serra da Mantiqueira

Espírito Santo do Pinhal, és responsável por ela
Pedaço de terra que nos viu nascer
Suas águas brotam do alto da serra
Que a mãe natureza nos deu pra viver

Teve origem o nome da cidade
Do pinheiro que aqui é natural
Torrão bendito e de prosperidade
Nós te bendizemos, ó Pinhal.

Fonte: PREFEITURA DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL-SP (2022).

A cultura cafeeira pulsa nas veias da região e até hoje o café é considerado um patrimônio, o “ouro negro”. Por isso, é importante compreender as características socioespaciais da cafeicultura no município de Espírito Santo do Pinhal - SP e como o café participa ativamente na vida dos habitantes, além de buscar entender como o café domina economicamente muitas famílias (pequeno produtor) e chega até o polo industrial da cidade, com a mais alta e renomada tecnologia do maquinário agrícola de grandes empresas oriundas da própria cidade e a absurda divergência num mesmo cenário: a tecnologia de ponta em relação à realidade do empregado e do pequeno produtor.

Espírito Santo do Pinhal conta com todo o aparato da produção do café desde a venda das mudas de cafés, fertilizantes, adubos, maquinário para colheita, mão de obra do trabalhador rural (muitos saem da cidade para trabalhar no campo) em época de colheita observamos no município os “turmeiros” responsáveis por levar o trabalhador até o campo, a cidade conta também com cooperativas de café, cooperativas de crédito do café e corretoras, sacarias, exportação e importação do café, processo de limpeza dos grãos, além da produção de embalagens de café.

Conforme relata Torres (2011), às cooperativas agrícolas se desenvolveram no país ao longo da primeira metade do século XX e podem ser indicadas como as mais importantes, como volume de negócio, também as principais responsáveis pela difusão do ideário cooperativista no país. Em Espírito Santo do Pinhal e região se destacam as cooperativas de cafeicultores como elemento de união no sentido de dinamizar a produção e o comércio do café que como já apontamos, é a força econômica da região.

A Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Pinhal (COOPINHAL), foi fundada em 1959 e atualmente disponibiliza um armazém com capacidade para 80.000 sacas para recebimento de café, maquinário apropriado para o

beneficiamento, catação e ventilação, que se fazem necessários para a posterior²⁶ comercialização nos mercados nacional e internacional.

A Coopinhal também mantém duas lojas que propiciam o fornecimento de insumos, defensivos e demais produtos necessários à agricultura, sendo uma situada em Espírito Santo do Pinhal e a outra no município da Albertina, localizada no sul de Minas Gerais, que faz fronteira com a região. Atualmente, a Coopinhal possui 518 cooperados que se distribuem entre os nove municípios de abrangência legal da cooperativa (TORRES, 2011).

Figura 8 — Primeiro manual técnico do café produzido em Espírito Santo do Pinhal em 1945.



Fonte: TORRES (2011).

De acordo com Torres (2011, p. 1), o cafeicultor Motta Sobrinho tinha o intuito de oferecer ao produtor um manual para aperfeiçoar e racionalizar a produção de um bom café:

O que vou escrever nada mais do que a reprodução de apontamentos colhidos em livros; revistas; jornais; em conferências agrícolas; na visita a fazendas bem cuidadas, e na observação diária em duas fazendas de que

fui gerente por cerca de 25 anos, observação que, com mais acertos, devo aos irmãos Antônio e José Ansaldi que foram meus auxiliares durante 20 anos.

27

No ano de 2016, Espírito Santo do Pinhal ganhou indicação geográfica pela qualidade do café produzido, “O resgate da história da produção de café em Pinhal remonta ao século XIX. O município produz cerca de 250 mil sacas por ano, sendo que a Coopinhal comercializa 120 mil sacas ao ano. O registro como IG reforça a importância da cultura na história da região” (RAPPA, 2016, p.1).

Contudo, é importante frisar que a modernização agrícola, associada ao pacote de agrotóxicos, fertilizantes e insumos, trouxe muitos danos a agricultura.

Segundo Carvalho (2008) a modernização agrícola, teve início nos anos de 1970 no Brasil, acompanhada da industrialização, pois as cidades passaram a demandar mão de obra com a finalidade de atender aos projetos desenvolvidos pelo governo brasileiro.

3. Trabalho e mão de obra no campo, dias atuais

A estrutura fundiária no Brasil segue concentrada, 81% dos estabelecimentos agropecuários possuíam até 50 hectares, que ocupavam apenas 12,8% da área total dos estabelecimentos no país. Por outro lado, apenas 0,3% do número de estabelecimentos tinham mais de 2.500 hectares, porém chegavam a ocupar 32,8% da área total dos estabelecimentos agropecuários (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017).

Esses extremos geram graves implicações sociais e econômicas. Nas áreas onde predominam minifúndios, de forma geral, observa-se uma forte estagnação econômica resultante de uma série de problemas enfrentados pelos pequenos produtores (custo elevado do crédito e dos insumos agrícolas — adubos, fertilizantes, pesticidas, etc. — e dificuldade de escoamento e comercialização das produções) essa situação desvantajosa leva-os a realizar trabalhos ocasionais nas grandes propriedades, sendo por isso denominados trabalhadores temporários. Muitos minifúndios transformam-se, portanto, em verdadeiros viveiros de mão-de-obra.

Na maior parte das áreas onde predominam os latifúndios observa-se

crescente deterioração das relações de trabalho e subaproveitamento do espaço agrícola disponível. Os assalariados permanentes são cada vez mais raros: nas grandes fazendas sobrevive nessa condição somente mão de obra especializada. São chamados volantes ou boias-frias (no Centro-Sul), corumbas (no Nordeste) ou peões- de-trechos (no Centro-Oeste). As suas condições de trabalho geralmente são sub-humanas.

Os boias-frias no Centro-Sul, por exemplo, moram na periferia das cidades interioranas, em condições precárias, e deslocam-se, por vezes, durante horas rumo aos locais de trabalho. Trabalham na lavoura de sol a sol, chegam em casa tarde da noite muitas vezes sem serviços para o dia seguinte. A legislação trabalhista não dá a devida atenção a essa atividade, que envolve até mesmo crianças, idosos e a situação se agrava cada vez mais.

Enquanto tem-se a precariedade do trabalho braçal de um lado, o valor do café aumenta, e os lucros permanecem somente com as grandes propriedades e empresas do ramo. O Valor da Produção Agrícola (VPA) do café alcançou de cerca de 152,00%, passando a representar 14,60% do total gerado na região, ante 6,91% no ano anterior. O volume produzido representa quase 40% da produção estadual, cujos municípios de maior expressão são Pedregulho, Caconde, Cristais Paulista, Altinópolis, Ribeirão Corrente e Franca. Além do café, esta região produz 67,51% da cebola e 29,11% da batata do Estado (SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO DE SÃO PAULO, 2004).

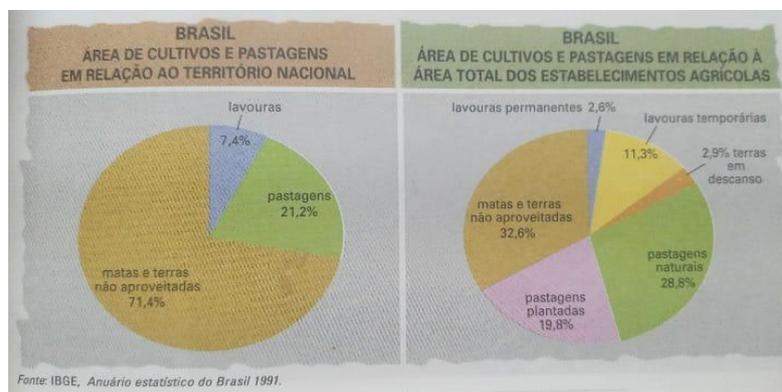
Figura 9 — Valor de produção das principais atividades agropecuárias por polos de desenvolvimento regional em 2004.

Tabela 2 - Valor da Produção das Principais Atividades Agropecuárias, por Pólos de Desenvolvimento Regional, APTA, 2004

PÓLO	Produto	Valor da Produção ¹ 2004 (R\$)	Participação (VP) 2004			Produção		
			Pólo (%)	Acum. (%)	Estado (%)	2004	Participação (%)	
Alta Mogiana	CANA-DE-ACUCAR	1.433.708.800,00	53,71	53,71	5,30	18,53	44.803.400	18,53
	SOJA	348.761.086,48	13,07	66,78	1,29	28,68	8.869.814	28,68
	LARANJA PARA INDUSTRIA	265.409.472,89	9,94	76,72	0,98	13,62	34.379.465	13,62
	LARANJA DE MESA	148.666.631,09	5,57	82,29	0,55	13,62	14.734.057	13,62
	OUTRAS	472.598.710,86	17,71	100,00	1,75			
	Total	2.689.144.701,32			9,86			

Fonte: SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO DE SÃO PAULO (2004).

O café representa em termos de geração de empregos 125 milhões de empregos de maneira direta ou indiretamente no mundo (CASTRO, 2012).



Fonte: Vesentini (1999).

Segundo o censo agropecuário (2017), realizado pelo IBGE, no Brasil atualmente a soja é a lavoura com maior valor de produção, seguido de cana-de-açúcar, milho e café.

Tabela 1 — Valor de produção dos quatro principais produtos exportados no Brasil.

Produto	Valor da produção
Soja — Grão	104.054.607,432 (x1000) R\$
Cana-de-açúcar	48.827.483,719 (x1000) R\$
Milho — Grão	34.250.904,496 (x1000) R\$
Café — Grão (verde) — arábica	13.454.201,227 (x1000) R\$

Fonte: IBGE — Censo Agropecuário (2017).

O fato destes quatro produtos serem os mais exportados, está ligado à produção em larga escala e com a mecanização, ampliando a escala de produção. Portanto, é perceptível no quadro que os valores da produção são altos e impactam a economia do país.

Em Espírito Santo do Pinhal — SP as lavouras de café, laranja, milho e cana-de-açúcar possuem maior destaque em valor de produção e quantidade produzida para o ano de 2020 (tabela 2) são:

Tabela 2 — Valor de produção das principais lavouras em Espírito Santo do Pinhal-SP.

Produto	Valor da produção	Quantidade produzida (t) ³⁰
Café	106.650 (x1000) R\$	11.250
Laranja	8.736 (x1000) R\$	16.800
Cana-de-açúcar	9.928,00 (x1000) R\$	136.000
Milho	6.336,00 (x1000) R\$	7.200

Fonte: IBGE — Produção agrícola municipal (2020).

É interessante ressaltar que apesar de o café ter representatividade histórica e cultural no município, a lavoura de cana-de-açúcar tem uma quantidade maior de produção, seguida pela laranja, o café e o milho.

Esta relação da agropecuária e com os maquinários importantes na economia da cidade, será abordado mais adiante. É necessário discutir a situação agrária brasileira para podermos compreender os problemas socioeconômicos e territoriais do campo, para tal, o fator preponderante nesta análise passa pelo entendimento da dinâmica da estrutura fundiária, pois o fator que deve “em primeiro e principal lugar, é a relação de efeito e causa entre miséria da população rural brasileira e a estrutura agrária do País cujo traço essencial consiste na acentuada concentração da propriedade fundiária” (PRADO JÚNIOR, 1981, p.18).

A visão predominante de que o agronegócio é importante para a economia de exportação, é baseado nas cadeias tradicionais já estruturadas no país. Porém, esta perspectiva impede o avanço da sustentabilidade e medidas menos agressivas ao meio ambiente.

Apesar disso, em nossa história e mesmo atual, o café apresenta importância, sendo possível notar:

- 1- Ainda é nosso principal artigo de exportação e nossa principal fonte de divisas;
- 2- É o produto de grande consumo de que somos os maiores produtores no mundo inteiro;
- 3- É a riqueza que mais contribuiu, na última metade do século passado e em grande parte deste século do país em geral;
- 4- É a riqueza que criou, em São Paulo, um ambiente de prosperidade e movimentação de capitais, sem o qual não se haveria constituído, com a pujança que hoje apresenta o parque industrial desse Estado;
- 5- É o produto que ocupa a segunda área cultivada no Brasil (LOBO, 1968, p.143).

Segundo Lobo (1968), um dos esforços para manter os mercados consiste, esta na propaganda em torno da melhor qualidade do café brasileiro, tida como necessária à sua maior aceitação no exterior. Em matéria de classificação pelo gosto, o nosso produto pode ser classificado em 3 (três) grandes categorias:

- 1- Mole (de paladar suave)
- 2- Duro (de paladar menos suave)
- 3- Rio (com sabor lembrando um pouco ácido fênico)

O café tipo mole é naturalmente produzido, sem muito esforço, em várias zonas fronteiriças de Minas e São Paulo (Mococa, Guaxupé, Pinhal, Franca, etc.) A maioria do produto brasileiro, entretanto, inclui-se nas qualidades duro e Rio, tendendo a diminuir a sua aceitação. A existência de defeitos (grãos queimados e bichados ou imperfeitos) e o tamanho, a aparência e a homogeneidade das favas, influem na procura e, conseqüentemente, no preço.

Para melhorar a qualidade, em geral, aconselham-se medidas apropriadas, tais como a colheita cuidadosa, boa separação dos lavadores, despulpamento, seca, em condições adequadas de modo a evitar fermentações ou perda de aroma, etc. Essas medidas vêm sendo empregadas em diversos lugares com algum êxito.

Voltando os olhares para Espírito Santo do Pinhal, o processo de modernização agrícola foi grande, dados do censo agropecuário apontaram que a área dos estabelecimentos agropecuários era de 28.122 hectares. Em 2017, a área aumentou para 33.384 hectares. Com a modernização do campo, aumentou a produtividade e a quantidade de máquinas, tratores e implementos agrícolas, como mostra o quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Tratores, implementos e máquinas

Tratores, máquinas e implementos agrícolas	2017
Tratores	592 unidades
Semeadeiras/plantadeiras	69 unidades
Colheitadeiras	51 unidades
Adebadeiras e ou/ distribuidoras de calcário	168 unidades

Fonte: IBGE (Censo Agropecuário) 2017.

No ano de 2017, haviam 481 estabelecimentos agropecuários, no município. O quadro acima aponta que haviam 592 unidades de tratores, logo, a grande maioria dos estabelecimentos introduziram maquinários na rotina da lavoura, o que substitui mão de obra, e com isso o campo se torna vazio e sem perspectivas de trabalho.

A empresa Pinhalense máquinas agrícolas, foi criada na década de 1950, no município de Espírito Santo do Pinhal-SP, com o intuito de levar mecanização aos trabalhadores do campo (PINHALENSE, 2021).

Figura 11 — Logo Pinhalense Máquinas Agrícolas



Fonte: Pinhalense (2022)

No Brasil, o processo de modernização aumentou a produção agrícola em exportação e crescimento. Nessa conjuntura, a empresa Pinhalense encontrou a oportunidade de expandir seus negócios, visto que, sua especialidade já se concentrava na produção de máquinas agrícolas.

Em relação à geração de empregos, a Pinhalense investe na pesquisa de novas tecnologias e possui cerca de 840 colaboradores. Além de atender clientes de todos os portes em quase 100 países, operando nos segmentos de café, cacau, castanha, feijão, cereais, pimenta e noz-macadâmia, detendo mais de 25 patentes em diversas etapas do processamento, da recepção à exportação (PINHALENSE, 2021). A partir da perspectiva de Santos (2012), a empresa Pinhalense é um elemento do espaço que exerce a função de produzir bens, serviços e ideias. Essa categoria é representada pelas firmas, nas quais demandam a inclusão de outros elementos do espaço, como, por exemplo, os próprios indivíduos da sociedade (fornecedores de trabalho). Os elementos do espaço podem ser considerados variáveis, no sentido de sofrerem variações qualitativas e quantitativas. Isso remete a ideia de que cada elemento do espaço tem um determinado valor, em que é dado pela relação que exerce com os demais elementos e com o todo, em determinado momento histórico (SANTOS, 2012).

Nesse sentido, a aquisição de maquinários agrícolas na década de 1950, tinham um valor menor comparado com o período de 1960 a 1980, em virtude da relação estabelecida com a produção agrícola, bem como o próprio produtor. Segundo Neto (1985), isso se deve ao fato de que o agricultor brasileiro não tinha, em sua maioria, condições de assumir o preço à vista para adquirir os maquinários,

resultando baixa produtividade agrícola devido aos baixos índices de vendas nos primeiros anos dessa recente indústria.

No decorrer dos anos, este cenário mudou, a demanda por maquinários agrícolas aumentou e conseqüentemente, mais empresas foram implantadas no país, e em Espírito Santo do Pinhal também. A empresa Pinhalense, passou a ser responsável por uma grande parcela de empregos no município e em demais regiões. Desta forma, uma rede de relações econômicas e sociais passou a se sobrepor no município, em função do uso do espaço pela empresa Pinhalense. No aspecto econômico, empregos foram gerados para as costureiras e lojas de confecção de roupas, que passaram a confeccionar os uniformes dos funcionários, além disso, pessoas de outras localidades passaram a trabalhar na cidade em virtude da terceirização de serviços, como a montagem de máquinas, engenheiros, transporte, ajudante técnico, de informática, representante de vendas entre outros.

Do ponto de vista social, o acontecimento de matrimônios se tornou mais frequente, visto que os cargos disponíveis na firma eram preenchidos por homens e mulheres. Outro ponto, foi que trabalhar na fábrica se tornou uma tradição familiar, passada por gerações de pai para filho, mudando também os costumes das famílias, na integração cultural, a empresa Pinhalense passou a marcar presença na tradicional Feira do Café, expondo seus produtos e serviços e em outras exposições de maquinários agrícolas, tornando-se ainda mais conhecida mundialmente.

De acordo com Méndez (1997) essa relação de interdependência estabelecida entre a atividades econômica e o espaço de Espírito Santo do Pinhal (SP), pode ser abordada como um estudo da Geografia a partir de duas perspectivas:

- a) (...)el espacio ejerce una influencia multiforme sobre el édiourato económico (siendo fuente de recursos, obstáculo al desplazamiento y soporte físico de la actividad).
- b) Las édioura económicas ejercen una édio influencia sobre la organización del espacio territorial (a través de consecuencias o impactos visibles sobre la édioura urbana, las áreas industriales, el édio ambiente, etc.) Méndez (1997, p.5),

Com base nisso, a perspectiva “a)” diz respeito a influência que o espaço da cidade de Espírito Santo do Pinhal-SP, exerce sobre a empresa Pinhalense, seja na divisão territorial, como a formação de um bairro industrial onde se instala uma das

unidades fabris ou pelos próprios recursos que oferecem, como a mão de obra assalariada.

O que diz respeito a “b)” a empresa Pinhalense também exerce forte influência na organização do espaço territorial, pois com sua instalação a cidade teve que passar por modificações na malha urbana, como adaptação das vias de mobilidade, expansão e/ou criação de bairros, distrito industrial, movimentação da economia, melhoria do índice de emprego, etc. Em relação aos produtos (máquinas agrícolas) oferecidos, pode-se afirmar que possuem alto valor de uso e alto valor de troca, que segundo Marx (2008), é definido respectivamente pela utilidade da mercadoria e pela quantidade de um produto que é possível se conseguir em troca de outro produto.

Ademais, conforme enquadrada nas categorias de Santos (2012), a empresa Pinhalense apresenta uma função tipicamente social na cidade de Espírito Santo do Pinhal-SP, atende diretamente as necessidades de pessoas e instituições dentro e fora do âmbito nacional, além de contribuir com desenvolvimento econômico local, regional e nacional.

Vale ressaltar ainda, que sua estrutura organizacional é representada pela própria sociedade e suas particulares características econômicas, sociais, políticas e culturais. E o processo, já foi relatado anteriormente quando mencionado a movimento do passado para o presente, desde quando a fábrica começou na década de 50 e desencadeou uma série de dinamismo para as demais categorias.

Conforme exposto, percebe-se que a criação de uma empresa envolve a demanda não só do espaço, mas dos demais elementos presentes nele. O empoderamento do capital, principalmente, sobre a *commodity* do café, causa uma reestruturação e planejamento, que muitas vezes esta relacionado a projetos agropecuários, perímetros de irrigação, o setor terciário esta intrinsecamente associado, como é o caso da empresa Pinhalense, que atende Espírito Santo do Pinhal e a região. O quadro 3 mostra o número de pessoas ocupadas nos estabelecimentos agropecuários, em Espírito Santo do Pinhal, no ano de 2017:

Quadro 3 – Pessoal ocupado no campo

Pessoal ocupado no campo	823 pessoas
Homens	691 pessoas

Mulheres	132 pessoas
----------	-------------

Fonte: IBGE (Censo Agropecuário) 2017.

O número total de pessoas empregadas no campo, é de 823 e a quantidade maior é de homens. Para uma população estimada de 44.607 pessoas, a parcela de trabalhadores no campo, é muito baixa. Logo, é perceptível que o pacote tecnológico que propaga o desenvolvimento rural, promove uma variedade de empregos na cidade, mas no campo, o produtor que não se adapta, perde espaço na competição.

3.1 Passo a passo do manejo de café

Durante o processo de elaboração desse trabalho pude conversar e entender um pouco como funciona o passo a passo do manejo do café, o pequeno produtor, entrevistado 1, natural de Espírito Santo do Pinhal mora em um dos muitos sítios, e ele explica o ciclo da muda até o momento em que o café preenche uma xícara.

Desta forma, ele relatou que a primeira coisa a se fazer é a análise do solo, essa análise vai mostrar ao produtor qual o estado do solo se precisará de nutrientes, de cuidados. Após a análise do solo vem a subsolação feita a trator ou por tração animal, em algumas terras é necessário arar, feito isso é preciso abrir a cova que pode ser feita de maneira manual ou mecanizada e coloca-se o adubo que pode ser o comprado em cooperativas ou também pode ser o esterco (de gado ou galinha) coloca-se a muda de café (comprada) e fechar a cova.

Após estes processos são necessários todos os cuidados: outra adubação, pulverização, análise foliar, triagem que é a limpeza da muda de café. Geralmente no primeiro ano não dá frutos é feito apenas o investimento. Os frutos começam a nascer a partir do segundo ano começando de fato a produção de café, assim os cuidados citados no primeiro ano continuam, pois, manter a saúde do café é essencial. Após todos esses cuidados começam as colheitas. Geralmente em junho quando o café está bem maduro, bem uniforme.

A colheita pode ser manual ou mecanizada. A mecanizada pode ser com máquinas maiores ou a tão conhecida mãozinha. O apanhador de café ganha por produção, ou seja, quanto mais ele apanhar, mais ele ganha. Já as maiores lavouras que dão mais frutos o dono da lavoura paga mais barato por balaio (cesto) e as lavouras com poucos frutos e mais fracas o balaio sai mais caro, pois o trabalhador

precisa trabalhar mais e assim ganhar mais, cada balaio tem 60 litros.

Quadro 4 - Etapas do grão de café até a xícara do consumidor.

36

ETAPAS DO GRÃO DE CAFÉ ATÉ A XÍCARA
1- Preparo da terra
2- Plantio das mudas
3 - Manutenção das plantas grandes
4 - Controle de pragas
5 - Colheita
6 - Preparo no pós-colheita: a) via seca- sem eliminação da casca que resulta café natura; b) via úmida eliminação da casca cereja; c) via semi úmida com a eliminação da casca café cereja.
7- Beneficiamento
8- Torra
9- Blend
10 - Moagem
11 - Embalagem
12 - Transporte
13 - Xícara de café

Fonte: entrevistado 1 (2021).

Diante do extenso e exaustivo trabalho de plantio, produção, beneficiamento e consumo final do café. O produtor quando opta em vender o grão de café após o beneficiamento, depende dos valores ofertados no mercado, e com isso cabe ao cafeicultor escolher a melhor hora e local para a venda.

Segundo Teixeira (2000, p. 178):

O cafeicultor fica sempre à mercê das decisões de mercado unilateralmente tomadas pelos compradores. A consequência de todo esse processo é que a renda auferida pelos cafeicultores é mínima, se comparada com os valores adicionais obtidos ao longo da cadeia agroindustrial do café, além de representarem grande instabilidade.

Sendo assim, é necessário pensar na valorização do profissional que exerce o cultivo e manejo do café. Pois, além de gerar emprego diretamente pela agricultura, o setor estimula a criação de vagas em diversas outras áreas.

4. Espírito Santo do Pinhal e as manifestações culturais

Nos tempos coloniais foram fundadas deliberadamente pelo governo português diversas vilas e cidades, algumas em sítios onde já existiam instalações de feitorias, outras como São Vicente, em local escolhido após cuidadosas observações. Às vezes instalavam-se os colonizadores junto à aldeia de índios, como no litoral paulista e principalmente no vale do Amazonas. Muitas das cidades brasileiras provêm de missões religiosas, tais como São Paulo e diversos centros urbanos do extremo norte. Além da toponímia dos municípios, o importante legado artístico da arquitetura colonial demonstra uma cultura que foi se desenvolvendo por mão de obra escrava e com materiais e condições socioeconômicas bem diferentes da Europa. A seguir, será apresentada as heranças dessa época em Espírito Santo do Pinhal.

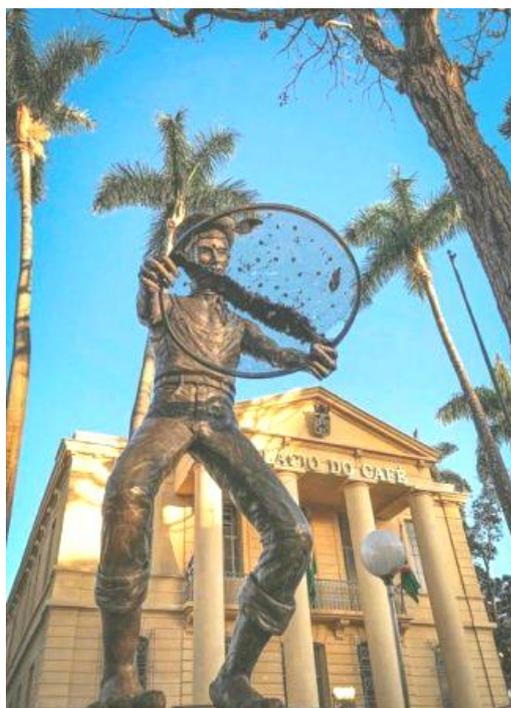
4.1 A cultura implementada pelo café

Uma das características dos colonizadores lusitanos ao se instalarem em qualquer ponto do Brasil, era erguer uma igreja ou capela, cujo santo, muito frequentemente dava o seu nome ao lugar. Não raro, a capela precedia a colonização, como uma espécie de posto atacante de expansão do Cristianismo. Alguns desses templos pioneiros (ainda hoje é comum erguerem-se capelas e lugares ermos, por mera devoção) passaram a ser procurados por numerosos devotos, surgindo barracões, casas de comércio, posteriormente residências e em outros casos até mesmo igrejas.

Segundo Claval (2001, p. 55), “[...] os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os frequentam”. Portanto, conhecer o lugar e suas manifestações culturais oferece experiência e ação a quem aprecia. Após a nomeação, os lugares ganham “alma”, “tornam-se entidades capazes de significar e de transmitir a sua significação: “nome” e “lugar” se unem, e daí, constituem uma mesma identidade, referencializada e referenciável” (DICK, 2008, p. 179).

Por meio da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, através do Projeto de Lei n.º 601 de 2017, foi decretado que o município de Espírito Santo do Pinhal possui o título da cidade de Capital Estadual do Café (figura 12).

Figura 12 — Colhedor de Café.



Fonte: Acervo autora (2021).

A homenagem foi realizada ao trabalhador rural que através do seu trabalho produziu e continua produzindo a riqueza da cafeicultura em Espírito Santo do Pinhal. A escultura foi doada pela artista Lecy Beltran e encontra-se na Praça da Independência, no centro da cidade.

A construção atrás da escultura é denominada o Palácio do café, e é a sede da prefeitura e do museu da cidade (figuras 13).

Figura 13 — Palácio do Café

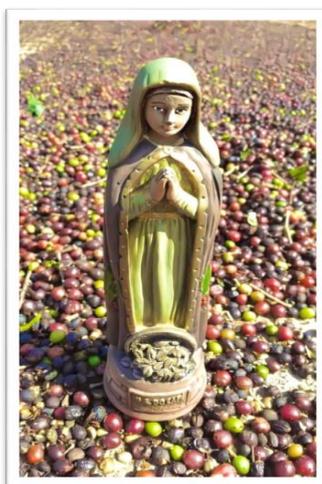


Fonte: Acervo da autora (2021).

O Palácio do Café foi inaugurado nos primeiros anos da República, na época foi construído para ser a sede do governo municipal de Espírito Santo do Pinhal. O estilo Câmara Cadeia do prédio segue referência do modelo administrativo português instituído no Brasil desde o período colonial (PREFEITURA MUNICIPAL DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL-SP, 2022).

Segundo a história, a invocação a Nossa Senhora do Café começou no município em decorrência das dificuldades por que passava o setor cafeeiro na região de São Paulo (figura 14). A Santa é Morena, o manto é da cor do café torrado, sua túnica e véu são da cor do café cru.

Figura 14 — Nossa Senhora do Café



Fonte: Acervo Biblioteca e Museu de Espírito Santo do Pinhal-SP (2022).

Logo, podemos ver que as manifestações culturais são representadas pelas inúmeras tradições, culinárias, crenças, religiões e costumes, presentes em determinadas regiões e até mesmo em municípios. Corrêa (1989), discorre primeiramente acerca do conceito de região nas diversas correntes do pensamento geográfico. Para o autor, os conceitos de região e organização espacial compõem o modo geográfico de analisar a totalidade social, mas também um fenômeno da sociedade se configurando como um objetivo da materialidade social, a própria sociedade especializada.

A organização espacial é formada por um conjunto de objetos espaciais distribuídos sobre a superfície da terra de acordo com alguma lógica ou uma segunda natureza transformada pelo trabalho social. Discutir a organização regional do espaço brasileiro é algo muito complexo, pois se trata da regionalização de um

país de grandes dimensões que tem passado por um desigual processo de diferenciação que envolve ritmos distintos de transformação e, ao que parece, tendem a se tornarem mais velozes ao final do século XX (CORRÊA, 1989).

Atualmente, Espírito Santo do Pinhal ainda preserva grande parte do patrimônio histórico edificado que nos remete a fase áurea do café, podendo nos contar um pouco da história e cultura que marca o povo Pinhalense.

No âmbito dos casarões urbanos (figura 15) financiados pela riqueza acumulada pelo café e construídos em Espírito Santo do Pinhal-SP, nas últimas décadas do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX, muitos constituem um significativo acervo arquitetônico na cidade e importante acervo arquitetônico do ecletismo e da história do ciclo cafeeiro no estado de São Paulo.

Figura 15 — Casarões urbanos financiados pela riqueza acumulada pelo café.



Fonte: acervo da autora (2022).

O cultivo do café atinge o auge de sua produção e geração de riquezas no período da 1.^a República, colocando os paulistas no poder. Esta riqueza e prosperidade são demonstradas, entre outras formas, na arquitetura. As linhas arquitetônicas das construções deste período são mais elaboradas, com abundância de adornos, ostentando a riqueza de seus proprietários, o auge do café, suas proporções são mais suntuosas, neste período destacam-se as mansões rodeadas por jardins (BOMBO & MONTEFUSCO ARQUITETURA, 2022).

No Brasil historicamente, a concentração de terra e renda era destinada a uma pequena parcela da população, os chamados barões de café, detentores de poderes e privilégios tinham seus interesses atendidos pelas políticas públicas destinadas para o campo e os produtores que se dedicavam à produção de alimentos estavam em posição secundária. (SILVA; ALVES, 2017, p.39).

Nesta mesma região se encontra a Capela das Brotas, a primeira capela de Pinhal, erguida em meados do século XIX, em homenagem à Nossa Senhora de Brotas, padroeira dos agricultores. Recentemente foi atribuído à capela o nome de Nossa Senhora Rosa Mística (figura 16).

Figura 16 — Capela de Nossa Senhora Rosa Mística.



Fonte: acervo da autora (2022).

A principal igreja da cidade hoje chamada como Matriz do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Dores tem uma arquitetura que recorda a vinda dos imigrantes italianos (figura 17).

Figura 17 — Igreja Matriz do Divino Espírito Santo.



Fonte: acervo da autora (2022).

Conforme relata Ferreira (2013), inúmeras foram as transformações ocorridas

no século XIX e século XX, na região paulista em que se insere Espírito Santo do Pinhal, uma das cidades da expansão cafeeira do estado de São Paulo, totalmente receptiva às novas influências nas formas de habitar e construir.

Figura 18 — Chalet Montenegro



Fonte: Antiquário Montenegro (Facebook) (2020).

Este foi o período de desenvolvimento da cultura do café e da instalação de uma extensa malha ferroviária, que facilitou a comunicação entre as zonas cafeeicultoras e o porto de Santos, como também a vinda dos imigrantes e das novidades da Europa.

Figura 19 — Chalet Montenegro 1894



Fonte: Antiquário Montenegro (Facebook) (2020).

O Chalet Montenegro pertence ao grupo dos 11 imóveis tombados do patrimônio histórico de Espírito Santo do Pinhal- SP. O Comendador Montenegro era o dono de Nova Louzã e foi um dos precursores por trazer imigrantes e mão de obra livre a Espírito Santo do Pinhal. (TORRES, 2011).

Também como meio de herança cultural, Espírito Santo do Pinhal recebe anualmente turistas de toda região para a Festa Nacional do Café. Tal festa tem cinco “shows” com bandas e duplas na programação, além da praça de alimentação, parque de diversões, exposição comercial e industrial. Os pontos de vendas para

compra de ingressos da tradicional festa se encontram em várias cidades da região: Andradas-MG, Albertina-MG, Jacutinga-MG, São João da Boa Vista-SP, Santo Antônio do Jardim-SP e Mogi-Guaçu-SP.

Figura 20 — Slogans de chamada para festas do café.



Fonte: Página no Facebook (2021).

A finalidade da festa do café em Espírito Santo do Pinhal era de promover “shows” para todos os públicos, “boate” itinerante, praça de alimentação e exposição de produtos agrícolas e industriais. Com o intuito de perpetuar a tradicional festa e encontro de pessoas, além de impulsionar a economia, com os atrativos e vendas de produtos agrícolas e industriais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da cafeicultura em Espírito Santo do Pinhal-SP começou em 1850, e o desenvolvimento da região foi acompanhado pela ascensão da cafeicultura. Planta que trouxe desenvolvimento e progresso para a região, bem como para o país. Os recursos e riquezas conquistados com o café foram investidos em outros setores, principalmente o econômico. Como a criação de ferrovias que marcou um período de mudanças, pois reduziu os custos de transporte e conduziu o café para os grandes centros exportadores de forma mais rápida e eficiente.

A força de trabalho italiana até agora é muito visível para o povo Pinhalense. Indiscutivelmente, abordar a história de Espírito Santo do Pinhal, sem vinculá-la à trajetória da produção cafeeira e dos imigrantes é uma tarefa difícil.

A cafeicultura teve um papel importante nas primeiras lavouras, que elevou a economia da cidade. Assim como elevou as empresas de maquinários e de

produtos agrícolas que hoje participam de forma ativa tanto em Espírito Santo do Pinhal, quanto na Região. Apesar da cana-de-açúcar estar ocupando áreas e ganhando destaque na quantidade produzida, o café faz parte da trajetória, história, religião e cultura. Tanto que a arquitetura, a religião e a história do café se mesclam com o município. A arquitetura é um atrativo para o turismo e cultura, pois são patrimônios do futuro. A religião presente nas igrejas e capelas simbolizam as características presentes na população, principalmente no que representa a fé, crença e costumes.

Por fim, a história implica reconhecimento da existência humana, cujos princípios e entendimentos da vida estão profundamente marcados no tempo.

Desta maneira, ao analisar cuidadosamente como o município ficou reconhecido como a capital estadual do café e os benefícios econômicos e sociais que esta planta proporcionou, constato que as consequências acarretadas foram positivas para a identidade do município, e que este valor cultural também poderia ser melhor explorado, visando o turismo como uma alternativa de relembrar as raízes histórico-geográficas de Espírito Santo do Pinhal-SP.

REFERÊNCIAS

ANTONIL, A. J. **Cultura e opulência do Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil). Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/ANDRE_ANTONIL/CULTURA/CULTURA_TEXTO.HTML. Acesso em: 28 Mar 2022.

BOMBO & MONTEFUSCO. **Arquitetura e Design**. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/bomboemontefusco/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

CAMARGO, J. F. **Crescimento da população do Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos: ensaio sobre as relações entre a demografia e a economia**. São Paulo, 1952. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
GHIRARDELLO, N. *À beira da linha: formações urbanas da Noroeste paulista*. São Paulo: Editora Unesp, 2002

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2001.

CALSANI, R. de A. **O imigrante italiano nos corredores dos cafezais: cotidiano econômico na Alta Mogiana (1887-1914)**. 2010. 113 f. Dissertação (mestrado) — Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93257>. Acesso: 5 out. 2021.

CARVALHO, D. F. de. Café, ferrovias e crescimento populacional: o florescimento da região noroeste paulista. **Histórica — Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, n. 27, ano 3, 2007. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao27/materia02>. Acesso em: 16 dez. 2021.

CARVALHO, N. **A sustentabilidade no espaço rural com a agricultura familiar: estudo de caso da comunidade de Usina Três Bocas**. Londrina, PR: Universidade Federal de Londrina, 2008.

CHELOTTI, M. C. Reterritorialização e identidade territorial. **SOCIEDADE & NATUREZA** (UFU. ONLINE), v. 22, p. 165-180, 2010. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=1P0Lf_4AAAAJ&citation_for_view=1P0Lf_4AAAAJ:d1gkVwhDpl0C. Acesso em: 15 jan. 2022.

CONDEPHAAT. **Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico**. ESPÍRITO SANTO DO PINHAL- BIBLIOTECA E MUSEU. [2020]. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/>. Acesso em: 14 dez. 2020.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo, Ática, 1989.

COOPERATIVA DOS PRODUTORES DA REGIÃO DE PINHAL. **COOPINHAL**. 46
Cooperativa de café. Espírito Santo do Pinhal. [2021]. Disponível em:
<http://www.coopinhal.coop.br/historia.html>. Acesso em: 15 jul. 2021.

DICK, M. V. de P. do A. **Etnia e etnicidade. Um novo modo de nomear**. Projeto ATESP/ATB. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). As ciências do léxico. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008. v. IV. Disponível em:
https://repositorio.usp.br/single.php?_id=001995567. Acesso em: 29 nov. 2021.

ESPÍRITO SANTO DO PINHAL, Prefeitura Municipal de. **História do município**. Espírito Santo DO PINHAL, 2021. Disponível em:
<https://www.pinhal.sp.gov.br/cidade>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FERREIRA, J. A.; CARDOSO, J. L. **Papel do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural: a experiência de Espírito Santo do Pinhal**. Informações Econômicas, SP, v.34, n.1, jan. 2004. Disponível em:
<http://www.iea.sp.gov.br/ftp/iea/ie/2004/tec2-0104.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. **Cidades 2017**. Espírito Santo do Pinhal-SP. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/espírito-santo-do-pinhal/panorama>. Acesso em: 14 mar. 2022.

_____. **Censo Agropecuário 2017**. Espírito Santo do Pinhal-SP. Disponível em:
<https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

_____. **Produção Agrícola Municipal (PAM)**. Espírito Santo do Pinhal-SP. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/espírito-santo-do-pinhal/pesquisa/15/11863>. Acesso em: 14 mar. 2022.

_____. **Cultura**. Espírito SANTO DO PINHAL, 2021. Disponível em:
<https://www.pinhal.sp.gov.br/pagina/2/cultura>. Acesso em: 10 ago. 2021.

_____. **Turismo**. Espírito SANTO DO PINHAL, 2021. Disponível em:
<https://turismo.pinhal.sp.gov.br/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

LOBO. R. H. **História Econômica e administrativa do Brasil**. 16^aed.rev. e atualizada. São Paulo: Atlas S/A, 1969, p.196.

MARTINS, A. L. **História do Café**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro Primeiro: o processo de produção do capital. 5.ed. Tradução de Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

MÉNDEZ, R. **Geografía económica**. La lógica del capitalismo global, Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 1997. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/aldea->

mun-do/articulo/mendez-ricardo-geografia-economica-la-logica-del-capitalismo-global-barcelona-editorial-ariel-s-a-1997-384-p. Acesso: 18 nov. 2021.

47

MESQUITA, B. P. **Revista Semeando**. Belo Horizonte: SENAR MINAS, 2010. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/e5018ev>. Acesso em: 30 jan. 2022.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. 2 ed. Tradução de Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 21.

PRADO JÚNIOR, C. **A questão agrária no Brasil**. 3.^a edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

PINHALENSE MÁQUINAS AGRÍCOLAS. **Empresa Pinhalense**. Pinhalense. Espírito Santo do Pinhal. [2021]. Disponível em: pinhalense.com.br/empresa/. Acesso em: 15 jul. 2021.

RAPPA, C. **Café de Espírito Santo do Pinhal ganha IG**. CENÁRIO AGRO. [2016]. Disponível em: <http://www.cenarioagro.com.br/cafe-de-espírito-santo-do-pinhal-ganha-ig/#:~:text=O%20resgate%20da%20hist%C3%B3ria%20da,cultura%20na%20hist%C3%B3ria%20da%20regi%C3%A3o.%20CEN%C3%81RIO%20AGRO%202016>. Acesso em: 6 nov. 2021.

RODRIGUES, H. L.; DIAS, F. D.; DE CARVALHO TEIXEIRA, N. Origem do Café no Brasil: A Semente Que Veio Para Ficar El origen del café en Brasil: La semilla que vino para quedarse. In: **Revista Pensar Gastronomía**, v.1, n.2, jul. 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/3804994-A-origem-do-cafe-no-brasil-a-semente-que-veio-para-ficar-el-origen-del-cafe-en-brasil-la-semilla-que-vino-para-quedarse.html>. Acesso em: 04 jan. 2022.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da crítica à Geografia a uma Geografia Crítica**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SILVA, A. L. de A.; ALVES, F. D. Análise da dinâmica socioespacial da agricultura familiar no distrito de Vilelândia, Carmo do Rio Claro. In: ALVES, Flamarion Dutra; VALE, Ana Rute. (Org.). **FACES DA AGRICULTURA FAMILIAR NA DIVERSIDADE DO RURAL BRASILEIRO**. Curitiba: 2017.

SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO. Instituto de Economia Agrícola (IEA). **Pólos Regionais: produção e valor da produção agropecuária em 2004**. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=2518#:~:text=O%20VPA>. Acesso em: 7 mar. 2022.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE. **O sabor tradicional da região de Alta Mogiana deu origem aos cafés especiais que conquistaram paladares no Brasil e no mundo**. [2021]. Café. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/origens/cafe,20f472be70ff7710VgnVC>

M100000d701210aRCRD. Acesso em: 04 dez. 2021.

SOUSA, A. A. de. TERRITÓRIO E IDENTIDADE: ELEMENTOS PARA A IDENTIDADE TERRITORIAL. **Caderno Prudentino de Geografia**. v.1. n. 30, 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7436>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SHIE, T. **História do Café - A Origem e Trajetória da Bebida no Mundo**. Grão Gourmet. [2018]. História do café. Disponível em: <https://www.graogourmet.com/historia-do-cafe/>. Acesso em: 04 nov. 2021.

TORRES, V. A. R. **Visita do Imperador D. Pedro II a um território livre em meio à escravidão: Nova Lousã**. A Cidade, 2011.

_____. **Um olhar sobre Espírito Santo do Pinhal**. A Cidade, 2011.

_____. **O futuro do patrimônio histórico de Espírito Santo do Pinhal**. A Cidade, 14 jan. 2012.

_____. **Nossa Senhora do Café: a construção de uma devoção em Espírito Santo do Pinhal - SP**. Ciberteologia (São Paulo), v. 13, p. 117-138, 2017. Disponível em: https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao_20200707140931.pdf. Acesso em: 17 ago. 2021.

TORRES, V. A. R.; TESSARINE, L. G. **Espírito Santo do Pinhal: a rainha das serras**. São Paulo: Noovha América, 2006.

VESENTINI, J. W. **Brasil, sociedade e espaço: geografia do Brasil**. [S.l: s.n.], 1999.